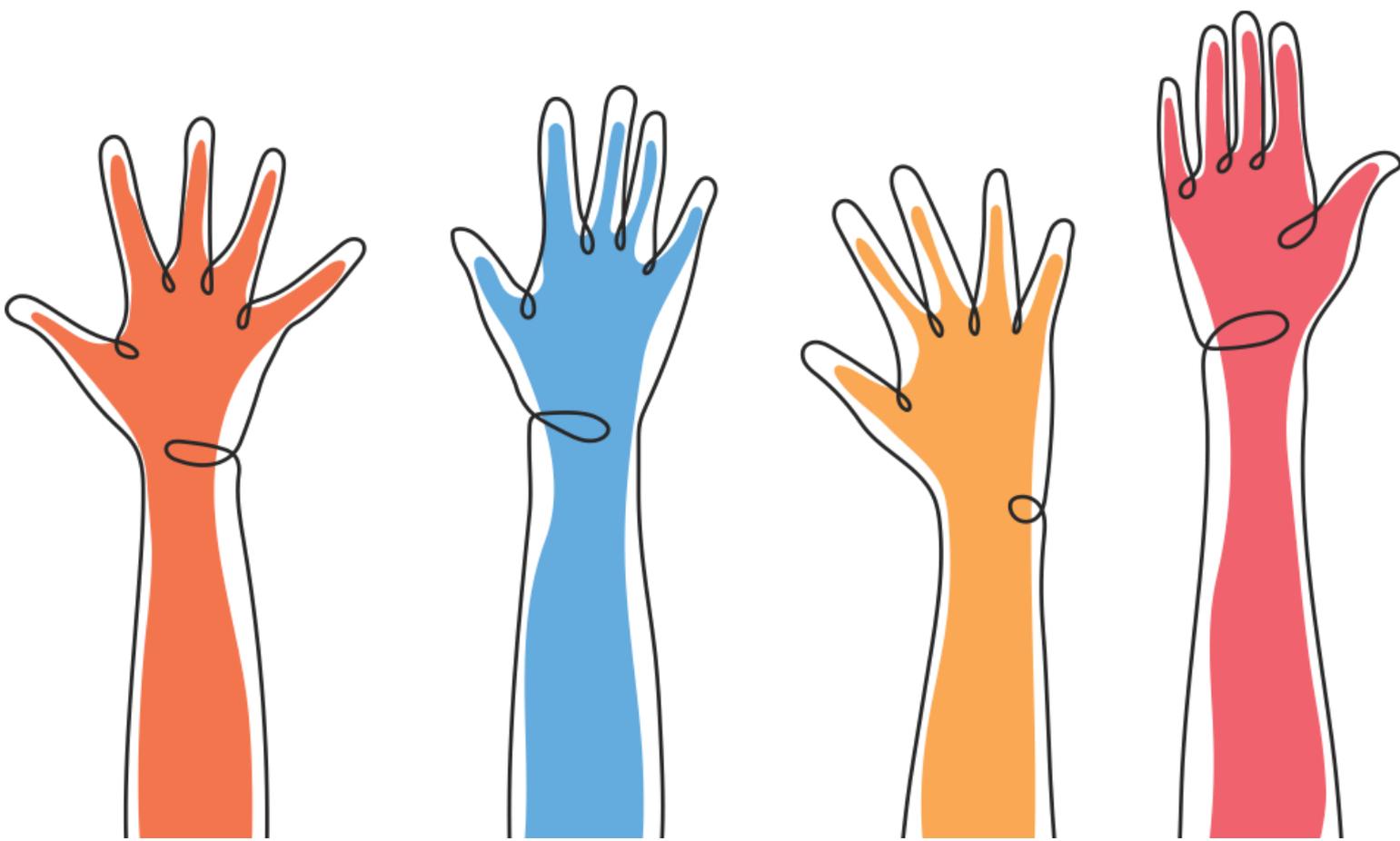




*Atuante como sempre,  
necessária como nunca*

# **Oficinas Didáticas Interdisciplinares**

PROPOSIÇÕES DO PIBID  
HISTÓRIA E SOCIOLOGIA  
UNB 2020-2022





## **Conselho Editorial**

### **Membros internos:**

Prof. Dr. André Cabral Honor (HIS/UnB) - Presidente

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Elias de Paula Laranja (GEA/UnB)

### **Membros externos:**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joana Maria Pedro (UFSC)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marine Pereira (UFABC)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

### **Membro internacionais:**

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide - Espanha);

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex - Reino Unido)



*Atuante como sempre,  
necessária como nunca*

### **Organizado por**

Marcelo Pinheiro Cigales, Cristiane de Assis Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida de Lima.

### **Título**

Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do Pibid História e Sociologia  
UnB 2020-2022

### **Autores(as)**

Marcelo Cigales, Cristiane Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida, Paulo Stumpf, Alice Rocha Santana, Alexandre Bruno Barzani Santos, Beatriz Amorim de Barros, Beatriz de Oliveira Andrade, Celine Batista, Gabriel Antonio da Silva Ribeiro, Gabriela Rabelo, Gabrielle Pereira da Conceição, Guilherme da Luz, Guilherme Henrique Cruz Quevedo, Isabella Cristina Barbosa Ramos, Júlia Duarte Pires de Mendonça, Laísa Fernanda Alves da Silva, Lauanny Kassya de Gois Aguiar, Luiza Letícia Mendes de Alcântara, Nathalia Luiza Alves Silva, Nathália Sofia Araújo Soares, Pedro Sampaio, Ricardo Daniel Lucas Monteiro de Sousa, Thaiane Miranda.

### **Parecerista**

Marcelo Pinheiro Cigales, Cristiane de Assis Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida de Lima, Paulo Stumpf

### **Editoração e revisão**

Marcelo Pinheiro Cigales e Bibiana Soyaux de Almeida Rosa

### **Capa [arte gráfica]**

Caê Penna

### **Publicação**

Selo Editorial Caliandra

### **Editora**

Biblioteca Central da Universidade de Brasília



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

#### Referência

CIGALES, Marcelo Pinheiro et al. (org.). Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do Pibid História e Sociologia UnB 2020-2022. Brasília: Universidade de Brasília, 2022. 149 p., il.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

032            Oficinas didáticas interdisciplinares [recurso eletrônico] : proposições do Pibid História e Sociologia UnB 2020-2022 / organizadores: Marcelo Pinheiro Cigales ... [et al.]. - Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 149 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://caliandra.ich.unb.br>>.

ISBN 978-65-86503-92-0.

1. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). 2. Universidade de Brasília. 3. História. 4. Sociologia. I. Cigales, Marcelo Pinheiro (org.).

CDU 378.147

# Índice

<b>1. Apresentação</b>	<b>6</b>
<b>2. Oficinas Artivismo</b>	<b>8</b>
2.1 Carta aos/às professores(as)	10
2.2 Oficina 01 - Violência e Racismo	12
2.3 Oficina 02 - Fato x Fake	17
2.4 Oficina 03 - Teatro do Oprimido	21
2.5 Atividade: Análise de Rap	26
2.6 Atividade: Construindo uma narrativa	28
2.7 Atividade: Pesquisa de Campo	31
2.8 Atividade: Arte + Ativismo = Artivismo	34
<b>3. Oficina Cine Clube Lado B</b>	<b>35</b>
3.1 Carta aos/às professores(as)	38
3.2 Por que Lado B: o direito à memória	46
3.2.1 Duque de Caxias	49
3.2.2 Revolta da Balaiada	51
3.2.3 Manuel Balaio	52
3.3 Atividades mobilizadoras	55
3.3.1 Memória e espaço público	56
3.3.2 Povos originários e estereótipos	65
3.4 Cine Clube	71
3.4.1 História de amor e fúria	72
3.4.2 Branco sai, preto fica	75
3.4.3 A última floresta	80

<b>4. Oficinas Rasurando Narrativas</b>	<b>88</b>
4.1 Carta aos/às professores(as)	90
4.2 Por que rasurar narrativas?	93
4.3 A construção da capital	96
4.3.1 A história oficial	98
4.3.2 Mulheres na construção	102
4.3.3 Pra lá do canteiro de obras	106
4.4. DF e as regiões administrativas	110
<b>5. Oficinas Além dos muros</b>	<b>117</b>
5.1 Carta aos/às professores(as)	119
5.2 Orientações sobre o PAS para os estudantes	122
5.3 Oficina 01 - Direitos Humanos	125
5.3.1 O povo brasileiro: matriz Tupí	126
5.3.2 O risco da história única	127
5.4 Oficina 02 - Raça e racismo	128
5.4.1 A rota do escravo: a alma da resistência	129
5.4.2 Atlântico negro: na rota dos Orixás	131
5.4.3 Entrevista com Maria Teresa, ex-escrava	133
5.5 Oficina 03 - Gênero	135
5.5.1 <i>La mujer sin miedo</i>	136
5.5.2 Suzana e os anciãos	138
5.6. Resolução de questões	139

# Apresentação

Este material pedagógico foi produzido pelos(as) estudantes da licenciatura em História e Ciências Sociais, bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Brasília (UnB) na edição 2020-2022. Trata-se de um material organizado colaborativamente entre licenciados(as) pibidianos(as), professores(as) supervisores(as) da Educação Básica e professores(as) coordenadores(as) da UnB.

Com a publicação gratuita deste material pedagógico, resultado de 18 meses de trabalho coletivo e colaborativo, queremos registrar que para a profissionalização da formação docente no Brasil urge a ampliação, fortalecimento e valorização do Pibid, que demonstra ser uma política efetiva para a permanência dos estudantes de licenciatura nos cursos de graduação. Trata-se de uma política pública que cria espaços de inserção na pesquisa, extensão e atuação docente desses estudantes, aproximando-os da realidade escolar em que atuarão enquanto professores-pesquisadores comprometidos com uma educação de qualidade, justa e solidária.

A publicação deste material pedagógico em formato de oficinas reflete, ao menos duas questões que estruturaram o subprojeto interdisciplinar entre as licenciaturas de História e de Sociologia da UnB nessa edição. A primeira é referente a interdisciplinaridade entre duas licenciaturas da área de humanidades. Como registro desse trabalho colaborativo, destacamos que a integração entre os componentes disciplinares ocorreu por meio de trabalhos e debates a partir de eixos temáticos, uma vez que a proposta do projeto foi utilizar a pesquisa como pressuposto de ensino, questão já presente nos debates teóricos e pedagógicos de ambas as áreas. A segunda questão faz alusão a criação de grupos (também chamados de clubes) que se dividiram de forma a reunir integrantes de ambas as áreas para discutir e exercitar pedagogicamente os quatro eixos propostos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a partir da forma em que foram recontextualizados pelo Currículo em Movimento do Distrito Federal para o Ensino Médio, publicado em 2020.

Assim, os(as) pibidianos(as) foram estimulados a elaborar oficinas pedagógicas ao redor dos eixos de: a) "Investigação Científica", que se transformou na Oficina "Artivismo"; b) "Processos Criativos", que deu origem à Oficina intitulada "Cineclube Lado B"; c) "Mediação e Intervenção Sociocultural", que se materializou na Oficina intitulada "Rasurando Narrativas", e; d) "Empreendedorismo", a partir do qual foi proposta a Oficina "Além dos Muros".

Nossa intenção ao produzir este material foi indicar elementos para problematizar o currículo prescrito, de forma crítica e criativa, estimulando, por um lado, a formação dos e das licenciandos(as) em História e Sociologia e, por outro, possibilitando um diálogo com os(as) professores(as) da Educação Básica, para quem o material é endereçado. Para convidar ao compartilhamento das experiências, na abertura de cada oficina há uma "Carta aos/as professores(as)" na qual se explica o objetivo, a metodologia e o que se espera com o desenvolvimento de cada oficina. Além disso, utilizamos este espaço para compartilhar as experiências docentes e discentes do Pibid no decorrer da pandemia, de forma a ilustrar as possibilidades e os possíveis desafios de aplicação das oficinas naquele contexto.

Desejamos que a publicação e publicização deste material seja recepcionada pelos professores(as) como um material a ser utilizado, criticado e apropriado em sala de aula pela comunidade docente. Não se trata de uma receita, mas de um exercício intelectual-pedagógico de pensar a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas nas escolas.

Por fim, cabe deixar registrado que com a socialização deste material cumprimos uma parte muito relevante do Pibid, que é retornar à sociedade e, neste caso, de forma propositiva para a comunidade escolar, os resultados do investimento da política pública educacional. O material também é um registro histórico do trabalho coletivo durante a pandemia de Covid-19, que nos forçou ao trabalho remoto, assim como um "grito" de resistência aos ataques a educação pública proferido pelos Ministros na gestão Bolsonaro.

Viva o Pibid, viva a Universidade Pública, gratuita, democrática e de qualidade!

Brasília, setembro de 2022.

Os/As organizadores/as

# CINECLUBE LADO B

histórias que a  
História não conta



# FICHA TÉCNICA

**Título: Oficina Cine Clube Lado B**

**Idealização e construção: Beatriz Amorim, Laísa Fernanda, Nathalia Sofia, Pedro Henrique Ferreira e Thaiane Miranda**

**Orientação e supervisão: Bibiana Rosa**

**Identidade visual e edição: Laísa Fernanda Alves da Silva**

**Colaboração: Caê Penna e Norlan Silva**

**Contato: @pibidiario / pibidsolhis.unb@gmail.com**

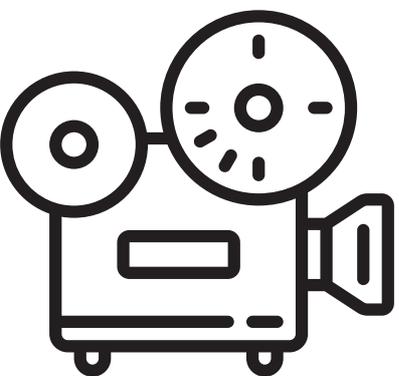
**Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência**

**Subprojeto História e Sociologia (2020-2022)**

**Brasília, Distrito Federal**

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador”.

(FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.15)

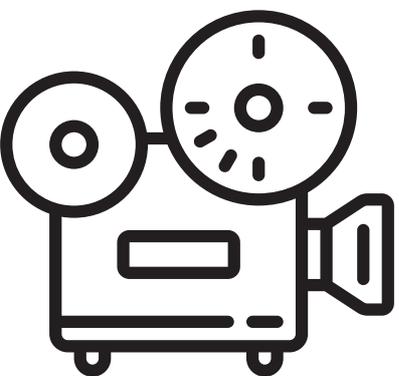


# Carta aos/às professores(as)

Em um primeiro momento, gostaríamos de contar a relevância do programa ao qual construímos e a maneira que nos organizamos e produzimos o material cujo resultado é compartilhado nessa obra.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública aprovada por lei nacional no ano de 2010 e visa, por meio do financiamento de bolsas de pesquisa, valorizar o magistério através do intermédio do contato de estudantes de cursos superiores da licenciatura com instituições de ensino básico da rede pública. Essa primeira experiência é voltada para o contato prático de futuras e futuros professores com o contexto educacional no qual atuarão.

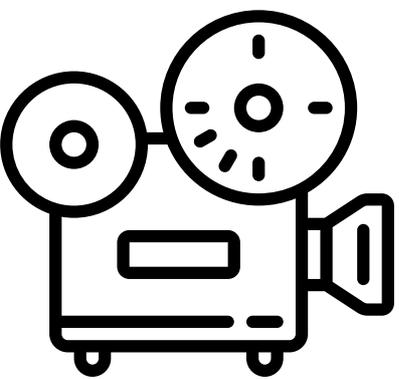
Ademais, o programa é organizado por editais temporários. O edital do PIBID da Universidade de Brasília (UnB) de 2020 prezou pela interdisciplinaridade entre cursos de licenciatura, e o PIBID ao qual compomos é fruto disso. A correlação entre a História e a Sociologia passou a ser estudada não somente no campo acadêmico, mas se ampliou às práticas de ensino de ambas as disciplinas, sobretudo no contexto de transição ao Novo Ensino Médio que vivenciamos ao longo do projeto.



Durante setembro de 2020 e março de 2022 atuamos essencialmente de forma remota, devido a pandemia de Covid-19 e seus desdobramentos, fator que dificultou o vínculo com as escolas que atuamos, sendo essas o Centro de Ensino Médio Elefante Branco, o Centro de Ensino 02 do Cruzeiro e o Centro de Ensino Médio 111 do Recanto das Emas, todas localizadas no Distrito Federal.

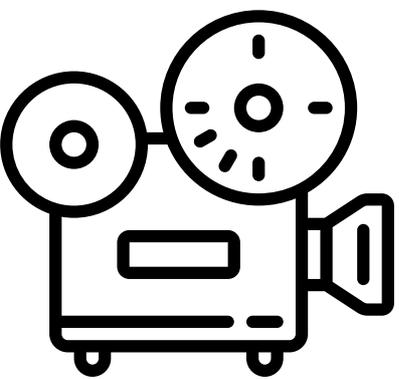
Ainda assim participamos de atividades da escola, organizamos questionários para tentar conhecer e nos aproximar da comunidade estudantil e também para divulgar as ações e materiais que produzimos nesse período, tendo como exemplo a produção de resenhas de obras que podem ser utilizadas como materiais didáticos interdisciplinares entre a História e a Sociologia, a produção e publicação de um podcast intitulado “Pibidiário” e a participação em congressos nacionais sobre o ensino de Sociologia e História.

Todavia, foi já no segundo semestre de atuação que conseguimos de fato ingressar nas atividades escolares, que assim como na Universidade, estava se dando de modo remoto. A partir de meses de estudos acerca do Novo Ensino Médio nos dividimos entre os quatro eixos trabalhados nas eletivas de ensino, que assim como o PIBID dialogam a partir de áreas interdisciplinares, e como resultado da eletiva de Processos Criativos surgiu a ideia do Cine Clube Lado B.



O eixo de Processos Criativos se volta para o desenvolvimento de expressões culturais, sociais, linguísticas e científicas, além de objetivar o aprimoramento da criatividade. Nesse sentido, trabalhamos na perspectiva de dialogar tal Itinerário Formativo (IF) com a discussão presente na atualidade de como espaços públicos articulam processos de lembrança e esquecimento, relacionando o contexto local e nacional a partir de histórias hegemônicas que foram legitimadas na construção da identidade brasileira.

Nosso projeto visa, principalmente, contemplar e abranger as temáticas referentes ao contexto do currículo em movimento, buscando temáticas que muitas vezes não são contempladas dentro das instituições de educação básica. Para isso, buscamos como maior objetivo trazer atividades que buscam criticar de forma argumentativa e reflexiva os limites e contradições de percepções reducionistas e/ou etnocêntricas (CHSA11FG), colocar em prática e considerar a importância da construção do pensamento crítico por meio da apreensão de conceitos (CHSA03FG), identificar por meio de documentos e arquivos históricos formas de registro de memória (CSA04FG), correlacionar o protagonismo social e as contribuições históricas, filosóficas e políticas (CHSA22FG), dentre muitas outras competências encontradas no currículo em movimento.



No decorrer desta cartilha, você encontrará relatos de experiência das pessoas envolvidas nas atividades do PIBID e da produção deste material, numa seção denominada "na prática". O intuito é compartilhar, para além do resultado final, um processo que não foi só intelectual e pedagógico, mas também de enfrentamento coletivo dos desafios impostos à Educação Pública na pandemia. Desejamos que os relatos aqui apresentados sirvam de inspiração e espelhamento, de forma a tornar o desafio de ensinar mais compartilhado.

Por fim, trazemos as seguintes inquietações para dentro do contexto de sala de aula: quais são os dois, ou mais, lados da nossa história e qual é o lado hegemônico? Qual é o objetivo da disputa entre essas narrativas e a importância de dar voz ao que é contra hegemônico nos espaços de sala de aula? É a partir dessas indagações que construímos o **Cine Clube Lado B** e esperamos que todo o conteúdo exposto em nossa cartilha mobilize debates enriquecedores, visando evidenciar as histórias que a História não conta e todo o processo de apagamento, relativismo e marginalização que permeiam a história do país e dos povos subalternizados.

# na prática...

"Me parece impossível mensurar a importância de ter ingressado no PIBID como professora supervisora justamente no contexto de pandemia. Acredito que todas e todos que lecionaram no modelo remoto emergencial conseguem se relacionar com o sentimento de solidão e angústia que marcaram essa experiência, em especial na rede pública. No meu caso, professora em início de carreira e com poucos anos de experiência na Secretaria de Educação do DF, o desapontamento parecia ser ainda maior.

No primeiro semestre do edital as pibidianas não atuaram nas escolas, sendo as atividades do programa mais focadas em discussões teóricas e de estudo sobre as mudanças curriculares e do Novo Ensino Médio. Os encontros semanais foram espaços essenciais para elaborarmos, emocional e pedagogicamente, a experiência do ensino remoto, uma vez que o contato com demais docentes das escolas estava comprometido. Quando começamos a nos movimentar para elaborarmos as intervenções e atividades didáticas práticas, como a construção dos Itinerários Formativos, fui tomada por um profundo sentimento de medo por não ter a experiência necessária para entregar uma boa orientação às pibidianas que estavam comigo.

Para além da experiência que de fato era pouca, existia o peito aberto e a vontade de compartilhar tudo aquilo que aprendi e compreendi - e aquilo que não compreendi, também - nos meus cinco a seis anos de experiência docente. E do outro lado, pessoas com a gana de domar a Educação Pública nas mãos e se tornarem as professoras e professores

que idealizamos em conjunto nas nossas discussões, nas nossas leituras de bell hooks e nas expectativas de cada atividade construída.

As expectativas relacionadas às atividades foram difíceis de contornar. Não por mim; no período em que o PIBID não atuou nas escolas, eu acomodei bem o fato de preparar uma aula e ninguém entrar no *meets*, ou passar horas preparando um bom formulário didático e receber 90% de respostas copiadas da internet ou iguais entre si. Toda vez que planejávamos alguma intervenção o sentimento de ansiedade tomava de conta. Eu conseguia lidar com a minha frustração, mas como lidar com o fato de que a frustração seria também das futuras docentes que caminhavam comigo? Pra mim, residiu aí uma das maiores lições: a educação é compartilhamento.

Além da frustração que permeou o ensino na pandemia, compartilhamos também os pequenos sucessos. Apesar da atuação das pibidianas na escola não ter sido tão marcante quanto gostaríamos, as levei pra dentro de sala de aula comigo. Quando houve o retorno presencial, elaboramos formulários para comporem nota, atividades a serem aplicadas em sala e conversávamos sobre o que eu daria em sala para complementar as atividades do PIBID. Uma, em especial, foi sobre a discussão aqui proposta das estátuas em espaço público, em que as estudantes da escola tinham que pesquisar uma personalidade e propor uma intervenção pública como homenagem. Compartilhar o resultado dessa atividade com as pibidianas foi um algo a mais, e durante a aplicação a falta que eu sentia delas ali era, de certa forma, uma presença.

A experiência que tivemos com o PIBID foi longe do ideal, pouco contato de fato das pibidianas com o chão da Escola Pública. Mas não deixou de ser uma experiência compartilhada

dos desafios da educação naquele momento e do que está por vir. A cartilha que agora apresentamos a você é resultado das frustrações e da obstinação de pessoas comprometidas com a Educação Pública de qualidade e, pra mim, é uma amostra do que a educação pode ser - porque foi no PIBID, junto das estudantes de licenciatura, que a educação encontrou terreno fértil para se realizar.

A experiência que tivemos com o PIBID foi longe do ideal, pouco contato de fato das pibidianas com o chão da Escola Pública. Mas não deixou de ser uma experiência compartilhada dos desafios da educação naquele momento e do que está por vir. A cartilha que agora apresentamos a você é resultado das frustrações e da obstinação de pessoas comprometidas com a Educação Pública de qualidade e, pra mim, é uma amostra do que a educação pode ser - porque foi no PIBID, junto das estudantes de licenciatura, que a educação encontrou terreno fértil para se realizar.

Relato de Bibiana Rosa,  
historiadora e professora  
temporaria da Secretaria de  
Educação do Distrito Federal  
durante o ano de 2020 no  
CED 02 do Cruzeiro.



"Brasil, meu nego  
Deixa eu lhe contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500  
Tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue pisado retinto  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
Tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês"

**"Histórias Pra Ninar Gente Grande",  
samba enredo da Estação Primeira da  
Mangueira de 2019.**

Mídia Ninja



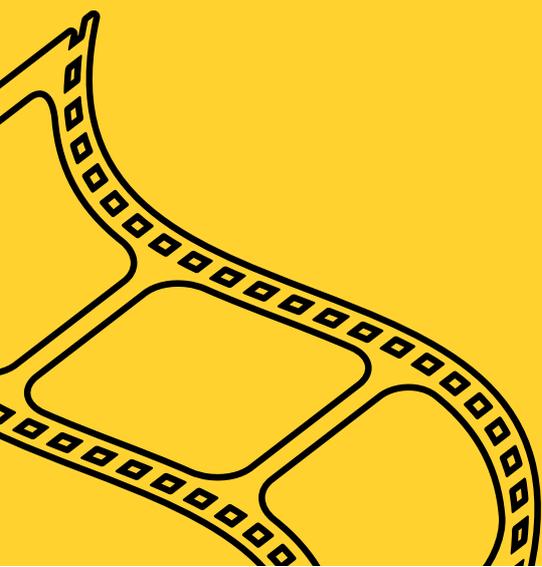
# por que LADO B?

## o direito à memória

O debate acerca do direito à memória tem estado cada vez mais presente no dia-a-dia da sociedade. Temas como: a derrubada ou não de estátuas, os questionamentos sobre o caráter e vida de homenageados, são atuais e se intensificam no debate público no mundo inteiro. Nesse sentido, os questionamentos sobre quem constrói e como é construída a memória de uma sociedade é um dos principais pontos dessa problemática. As indagações aqui propostas são: como é feito a escolha de quem é homenageado; o porquê figura A tem uma estátua em minha cidade a figura B não; o que em vida esses homenageados fizeram para que fossem considerados verdadeiros heróis? Todas essas são perguntas que geram ainda mais reflexões sobre **hegemonia** na história, que de forma evidente levam pessoas e grupos ao apagamento de suas memórias e de suas próprias trajetórias históricas.

### **Hegemonia**

Poder que algo ou alguém exerce em relação aos demais; supremacia e domínio de uma cultura sobre outra. A ideia de superioridade étnica e de classe em relação ao outro, como meio de subjulgo.



Nesse contexto é que precisamos compreender como existe, sim, uma priorização de figuras em relação a outras. A escolha de uma narrativa predominantemente branca e europeia deixa evidente os critérios para compreender quem de fato tem o direito à memória. Enquanto grupos são postos às margens da própria história, esses são escolhidos para compor o panteão de heróis de uma nação.

Gabriel Schlickmann / Twitter



É nesse ponto que Chimamanda Adichie, em "O perigo de uma história única", nos alerta para as consequências dessa visão sobre a história. Um historiografia única desumaniza e impede que grupos se tornem protagonistas das suas próprias histórias, tornando-os apenas fontes para estereótipos. A população indígena e africana, no Brasil, é o exemplo evidente desse apagamento histórico: a historiografia por anos os colocou à margem da história, sem a possibilidade de voz a eles, que foram postos sobre a visão única do colonizador. Assim, somos apresentados por toda nossa vida ao "Lado A" da História do Brasil e do Mundo. Um "Lado" que não os representa, os estereotipa e os coloca como meros coadjuvantes dentro dessa construção da memória de uma sociedade.

**Precisamos, portanto, direcionar nosso olhar para o "Lado B" da fita histórica. Um "Lado" que, através da abordagem histórica social, podemos dar o protagonismo devido a esses grupos até hoje marginalizados. Uma nova visão que negue a desumanizante história única. Uma História contra-hegemônica, que estimule esses grupos a transmitir suas próprias histórias. Garantindo, assim, os seus direitos à memória.**

Howard County Library Systemer / Flickr

## Historiografia

Estudo de como a história é escrita e como nossa compreensão histórica muda com o tempo. Enquanto o passado em si nunca muda, a escrita da história está sempre evoluindo. Novos historiadores exploram e interpretam o passado.



## Duque de Caxias (1803-1880)

Membro de uma aristocracia militar, Luís Alves de Lima e Silva é o patrono do exército brasileiro e um dos membros máximos do panteão de heróis nacionais. Vindo de família tradicional, seguiu a tradição militar se alistando na Real Academia Militar com apenas 15 anos. Anos após, destacou-se na Guerra da Independência, na qual em 1824 foi promovido a capitão do Exército ainda muito jovem. Ganhou alta notoriedade durante as revoltas regenciais, como a Guerra dos Farrapos, nas quais comandou heroicamente as repressões aos *revoltosos*. Ganhou fama, e já no governo do jovem imperador Dom Pedro II, continuou em seu papel que lhe daria a alcunha de "*pacificador*". Em especial, a Revolta da Balaiada foi um dos seus maiores triunfos, onde ele derrotou os *rebeldes* tomando de volta a cidade então capturada de Caxias. Esse feito lhe deu o título de nobreza, Barão de Caxias. Posteriormente, após suas vitórias na Guerra do Paraguai, Luís Alves chegaria à titulação máxima de nobreza, Duque de Caxias, e se consagraria a herói nacional.

Fernando Moraes / Veja São Paulo



# EXEMPLIFICANDO

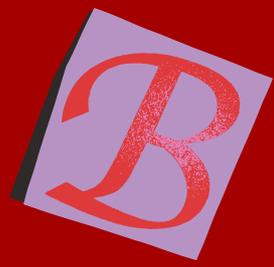


## Duque de Caxias (1803-1880)

Para além da fabricação histórica de Duque de Caxias, a aristocracia militar ao qual Luís Alves de Lima e Silva fazia parte lhe deu privilégios dentro do Exército. Fato esse que foi intensificado e corroborado quando seu pai, Francisco de Lima e Silva, tornou-se um dos 3 regentes no período regencial. Assim como seu pai, era fortemente ligado à política da época. Engajado no Partido Conservador, defendia a manutenção da escravidão, sendo um verdadeiro escravocrata. O seu papel nas repressões às revoltas foi de desproporcional violência.

Busto de Duque de Caxias, no Redenção, amanhece coberto por um saco de lixo, 21 de setembro de 2021.

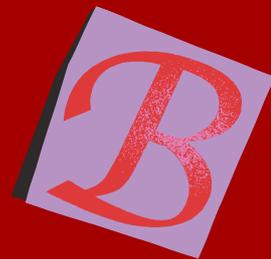




## revolta da Balaiada (1838-1841)

Um dos grandes mitos que rondam a História do Brasil é que o nosso povo é *pacífico* e nosso percurso enquanto país não foi marcado por grandes conflitos. Se pararmos para pensar um pouco sobre Palmares, ou então, na resistência secular dos povos indígenas, essa afirmação cai por terra. A construção de mitos nacionais serve a uma narrativa oficial e tem como efeito o apagamento das experiências que a contradizem. O mito do povo brasileiro cordial apaga as diversas lutas de resistência que constituem o que estamos chamando de Lado B da nossa história.

A Balaiada é exemplar dos perfis dos "rebeldes" aos quais Luis Alves tanto combateu: eram em sua maioria pretos, mestiços e pobres que por muitas vezes lutavam por melhores condições na sociedade de extrema desigualdade. A Balaiada é símbolo do que era a tal "*pacificação*" levada pelo Duque: ela tinha cor e classe social. É certo que todo o conceito de sociedade e paz que Caxias e o governo que representava queriam para o Brasil não compreendia a vida dos indígenas ou negros e seus descendentes, mas tão somente a manutenção das estruturas coloniais e da hegemonia do poder imperial.



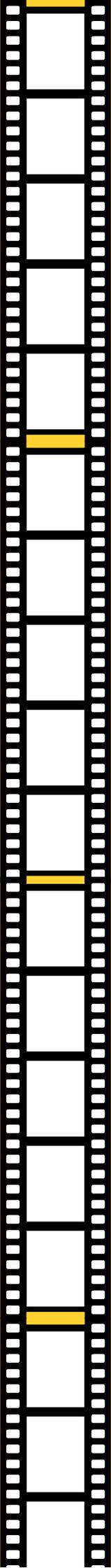
## Manuel Balaio (sem registro)

A Balaiada é um exemplo das diversas experiências de rebeldia e revolta que, a partir de alianças populares, contestaram os donos de terras e do poder - Cabanagem, Praieira, Canudos, para ficarmos no século XIX. Heroínas e heróis desses movimentos ou são apagados ou, muitas vezes, são descolados de sua radicalidade política. É o caso de Manuel Balaio, um dos três principais líderes que comandaram esta que foi uma das maiores rebeliões populares de nossa história. Depois de um episódio em que forças policiais do Império violentaram suas filhas, como era costume fazerem com a população, ele se juntou ao então capataz Raimundo Gomes e ao líder quilombola D. Cosme e lideraram a rebelião.

Balaio não consta em registros oficiais, de modo que o acesso que temos a sua memória se dá por narrativas orais que passaram de geração em geração ou, então, por registros militares que o reduziam a um mulato delinquente. Mesmo sem termos informações sobre sua biografia, Manuel Balaio representa o conjunto de pessoas que se levantaram contra a opressão seu tempo: pessoas escravizadas; negras e indígenas livres; mestiços; quilombolas, camponeses, artesãos; vaqueiros; sertanejos - o povo pobre e da terra que construiu esse país e ainda hoje recebem pouca, ou quase nenhuma, homenagem no espaço público.







# atividades mobilizadoras

Para o projeto ter coesão, elaboramos duas atividades mobilizadoras que tem como objetivo apresentar conceitos e temáticas que se relacionam com o tema norteador do Cine Clube Lado B, o direito à memória e sua relação com as diversas opressões estruturais da sociedade brasileira.

A ideia é que, a partir de todo o conteúdo exposto anteriormente, o processo de ensino-aprendizagem seja mobilizado por meio dos recursos audiovisuais propostos e construído de maneira coletiva por meio do debate.

É importante salientar que o uso de recursos audiovisuais em sala está em diálogo com a lei 13.006/2014, que complementa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que obriga a exibição de, no mínimo, duas horas mensais de cinema brasileiro nas escolas, como complemento às atividades curriculares.

Todas as atividades foram construídas com base nas experiências vivenciadas em formato virtual no CED2 do Cruzeiro e sob luz do documento "Tem cor no ensino, propostas de atividades". Reforçamos que as atividades propostas têm caráter norteador, afinal, sabemos como é sempre necessário adaptações para a realidade da escola e de acordo com o perfil da turma.

# proposta



## refletir sobre memória e espaço público

**Conceitos:** reparação histórica, direito à memória e ao espaço público.

**Contexto:** Nos últimos anos, inúmeros eventos promovidos por movimentos contrários aos símbolos do colonialismo reforçam a ideia de que memória é um campo em disputa. Em 2020, cordas para amarrar e derrubar estátua de Cristovão Colombo em Barranquilla, na Colômbia; em Londres, estátua de Edward Colston, dono de escravizados é derrubada e jogada no rio river Avon, e em 2021, estudantes trocam o nome da Ponte Costa e Silva para Honestino Guimarães no Lago Sul, Brasil.

**Objetivo:** Refletir, como chama atenção a historiadora Ana Lúcia Araújo, de que forma a permanência de símbolos (estátuas, nomes de ruas e/ou praças, parques, pontes) corresponde a sociedade na qual estão inseridos atualmente.

**Instruções:** Leitura coletiva do projeto de lei n.º 5.296, de 2020, elaborado pelas deputadas Talíria Petrone (PSOL/RJ), Áurea Carolina (PSOL/MG) e pelo deputado Orlando Silva (PCdoB/SP), que dispõe "sobre a proibição de homenagens a proprietários de escravos, traficantes de escravos, pensadores que defenderam e legitimaram a escravidão em monumentos públicos, estátuas, totens, praças e bustos ou qualquer outro tipo de monumento". Além disso, um cine clube não é um cine clube sem um recurso áudio visual, por isso, também indicamos o documentário "A cidade é uma só?" produzida pelo goiano Adirley Queirós, disponível no Youtube.

# proposta

## refletir sobre memória e espaço público



**Trabalho em grupo:** Orientadas pela compreensão de que a pesquisa pode ser acionada como estratégia metodológica impulsionadora de práticas bastante inovadoras, pensamos em duas atividades mobilizadoras que partem da *investigação científica*.

1. Divida a turma em dois, e em cada metade peça que formem 5 grupos.
2. Os grupos do Lado A farão uma pesquisa em jornais, impressos ou virtuais, sobre a derrubada de estátuas pelo mundo. A ideia é que cada grupo do Lado A selecione uma estátua que foi derrubada e elabore um cartaz bibliográfico sobre o/a personagem escolhido.
3. Enquanto isso, cada grupo do Lado B representará uma região do Brasil (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste). A partir de pesquisa no google maps, o objetivo será mapear nomes de ruas, praças ou pontos que homenageiam figuras ditatoriais ou coloniais e propor uma personagem em contraponto para que, *se aquela rua fosse sua*, uma outra figura da região fosse homenageada.

- Para a região nordeste, indicamos o site:  
<https://www.salvadorescravista.com/>.

**Modelo de entrega:** Todos os dados coletados serão anexados em formulário, impresso ou virtual, para posteriormente serem apresentados para a turma presencialmente. Lembre-se de indicar sites seguros e fontes confiáveis para a pesquisa, além de conversar sobre plágio e produção de escrita autoral.

## EUA: 73 monumentos confederados foram removidos ou renomeados em 2021

Segundo ativistas e historiadores, essas estátuas são símbolos do racismo no país desde a Guerra Civil



## Tia Ciata, Milton Santos e outras personalidades negras viram nomes de ruas no Porto

Homenagens foram publicadas nesta sexta em decreto de Eduardo Paes. Dodô da Portela e a pintora Tia Lúcia também batizam novas vias da região

Ludmilla de Lima

19/11/2021 - 06:00 / Atualizado em 19/11/2021 - 16:50



### / Últimas notícias

#### Cadê as mulheres?

Em Goiânia, nomes de ruas e avenidas são majoritariamente masculinas

sábado 30 abril 2022 7:32 Por Rafaela Ferreira

Em um levantamento dos nomes dos espaços públicos e urbanos de Goiânia, há disparidade numérica entre homenagens para figuras históricas masculinas e femininas

# na prática...

"Eu e Beatriz Amorim ficamos com a abertura da nossa oficina, o Cineclube Lado B, no qual fomos os responsáveis em introduzir o tema que iria nos nortear: direito à memória. Para isso, escolhemos abordar esse assunto por meio da exposição e debate sobre Duque de Caxias, no contexto de derrubada de estátuas e o recente incêndio do monumento de Borba Gato, em São Paulo. Debate que estava ainda quente na época. No cenário de pandemia e, até então, aulas remotas, a abertura da oficina foi feita de forma digital pelo Google Meets. Desse modo, uma semana antes da aula, elaboramos um formulário com perguntas e caixas de texto sobre o tema para nos nortear acerca de quanto os alunos sabiam sobre o assunto.



Tim Bradbury / Getty Images

Uma estátua de Cristóvão Colombo é vista com a cabeça removida no Christopher Columbus Waterfront Park em 10 de junho de 2020 em Boston, Massachusetts.

# na prática...

Já com o resultado das respostas, em planejamento, nós dois elaboramos materiais, via Canva, com o título “Desconstruindo Duque de Caxias”, no qual o nosso objetivo era introduzir, por meio dessa figura histórica, as questões que permeiam a construção da memória. Nesse sentido, em primeiro momento, planejamos apresentar o “Lado A”, o lado da História oficial sobre Caxias e sua participação nas revoltas, destacando sua construção de herói da pátria que somos acostumados a ouvir. No segundo momento, em contraponto, o planejamento era introduzir de fato o clube, e demonstrar uma outra visão histórica a respeito dessas revoltas, destacando a Balaiada.

Nosso objetivo principal era apresentar, no contexto da Balaiada, os motivos e o perfil desses revoltosos, que são genericamente vistos apenas como desordeiros pacificados por um herói nacional. Visão que buscamos “desconstruir” apresentando uma perspectiva sociológica do passado, evidenciando a realidade violentíssima e escravista que Caxias representava, algo que comumente não observamos no relato acerca de sua memória. Por consequência, buscamos destacar como são arbitrárias as escolhas de exaltar a memória de uns em detrimento a outros.

Na prática, infelizmente tivemos a presença de apenas quatro alunos na chamada ao vivo, assim, decidimos gravar a aula para os demais. Desafio esse que conseguimos superar com a participação desses poucos. Como planejado, fiz a primeira parte uma aula expositiva sobre a vida de Duque de Caxias, expondo seu caráter heroico presente no imaginário popular. Essa parte como esperado não teve muita participação, com

# na prática...

algumas manifestações via chat. A segunda parte, feita pela Beatriz, foi sobre o olhar através da História social sobre a Balaiada, relatando a vida dos revoltosos e suas reais motivações. Em seguida, apresentamos a desproporcional repressão do Duque à revolta, acentuando a existência de dois lados no conflito. Momento que gerou manifestações de interesse por parte dos estudantes.

Daí, como forma de trazer para o debate contemporâneo, abrimos a discussão sobre os casos de estátuas derrubadas e modificadas, com o enfoque caso específico de uma intervenção a um busto do Duque de Caxias. Assim, ao abrir para debate, houve por parte de uma das alunas comentários e questionamentos sobre “o processo de escolha dos nossos heróis”, como é feita a escolha de “quem vai ter uma estátua em minha cidade”. Nosso objetivo principal foi realizado. Com isso, pensamos em realizar uma dinâmica, algo que deu bastante certo: usar uma ferramenta didática, o *Menti*, para avançarmos no debate. Assim a ferramenta foi usada para os alunos responderem a seguinte pergunta: “quem gostariam que tivesse uma estátua na sua quebrada?”. Positivamente vimos respostas interessantes como Dandara, Leopoldina e até mesmo os revoltosos da Balaiada.

Autoria não identificada



Embora a limitação de recursos e a falta dos demais alunos, tivemos uma boa experiência de introduzir nosso Clube aos estudantes. Infelizmente não tivemos a experiência de entrar de fato em sala de aula, no entanto, essa nossa primeira experiência do “outro lado”, foi bastante positiva. Acho que acumulamos erros e acertos que com certeza me nortearão numa possível volta, dessa vez presencial, à docência. Como em uma participação tão pequena houve sim colaboração ativa, seja via chat ou voz, as esperanças para as atividades que estavam por vir foram grandes, principalmente com o tão esperado cine debate, que viria a ter mais de 20 participantes. Dessa forma, o grupo no todo também teve muito a aprender, seja com o formulário anterior à aula, seja com a dinâmica que foi passada ou com os apontamentos dos alunos que participaram.

Relato de Thaianne Miranda,  
pibidiana bolsista e graduanda  
em História pela Universidade  
de Brasília.



# na prática...

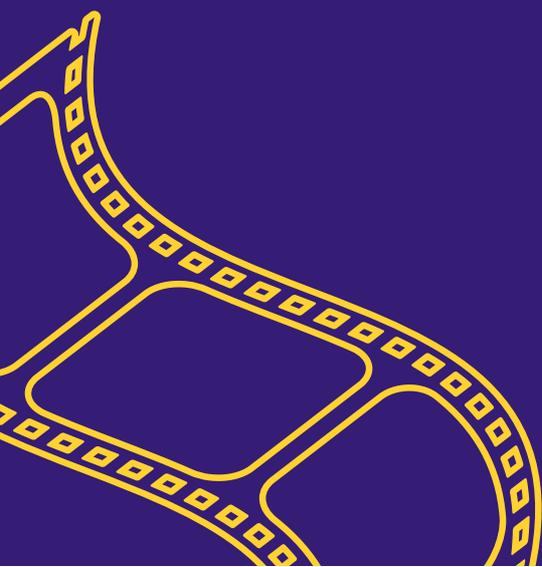
"Para conseguirmos ter uma dimensão dos conhecimentos prévios dos educandos em relação ao conteúdo da oficina "Desconstruindo Duque de Caxias", eu e Pedro Sampaio elaboramos um questionário prévio com questões em relação ao assunto, bem como relacionando o tema elucidado com a questão das estátuas que homenageiam figuras históricas escravagistas.

Em primeiro lugar, trouxemos a questão sobre quem era Duque de Caxias e qual papel cumpriu na história. Nesse sentido, a maior parte das respostas que obtivemos recorreram ao senso comum, referindo-se ao militar como "herói de guerra" ou "pacificador", ressaltando a sua importância para o fim da revolta da Balaiada. No que se trata a este acontecimento histórico, chama a atenção o fato de que nenhum dos alunos demonstrou ter entendimento da ponta de lança que deu origem da guerra ou seus protagonistas e líderes negros, indicando assim o objetivo e importância da aplicação de nosso eixo temático como oficina e debate.

Assim, para introduzir o questionamento de quem tem direito à memória e fomentar a discussão, trouxemos uma notícia no formulário referente a ação política realizada em São Paulo por manifestantes que atearam fogo na estátua de Borba Gato, acontecimento recente que estava sendo palco de grande debate no momento da realização da aula. Repara-se que, neste tópico, grande parte dos alunos realizaram respostas indicando estarem cientes do acontecido e souberam analisá-lo de forma crítica.

Embora a limitação de recursos e a falta dos demais alunos, a aplicação do formulário foi imprescindível para entendermos de forma mais clara de qual ponto iria se partir a aula síncrona a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, bem como para conseguirmos introduzir o assunto aos alunos, que já realizaram uma pesquisa referente ao assunto abordado para respondê-lo e chegaram no momento da aula com reflexões acerca da questão das estátuas e com atenção em relação aos outros personagens históricos que estão presentes na revolta da Balaiada."

Relato de Pedro Sampaio,  
pibidiano bolsista e graduanda  
em História pela Universidade  
de Brasília.





# proposta

## refletir sobre estereótipos e povos originários

**Conceitos:** colonização, pertencimento étnico, fenótipo e estereótipo.

**Contexto:** Iniciada em agosto de 2021, a discussão sobre o Marco Temporal no Supremo Tribunal Federal têm colocado o foco nos movimentos pelos direitos dos povos originários. Mais de 6 mil indígenas de diversas etnias ocuparam o centro de Brasília para acompanhar a votação da tese que defende que populações originárias podem reivindicar demarcação de terras somente se a ocupavam na data da promulgação da constituinte. A ação trata de um pedido de reintegração de posse do governo de Santa Catarina contra o povo Xokleng. O episódio demonstra a importância de refletir sobre a diversidade originária do país e o direito à terra como garantia de pertencimento étnico e resistência ao colonialismo.

**Objetivo:** Refletir sobre a invisibilidade da agência dos povos indígenas na história do Brasil e como isso colabora com a criação de estereótipos, em especial de que são povos presos ao passado.

**Instruções:** Leitura coletiva da carta aberta redigida pelas lideranças do Acampamento Luta pela Vida (2021) e entregue em ato simbólico aos ministros do STF. E, para auxiliar no entendimento do problema, recomendamos o vídeo disponível no Youtube "Povos Indígenas do Brasil", do comunicador indígena Cristian Wari'u Tseremey'wa e o clipe do rap "Xondaro Ka'aguy Reguá", do cantor indígena OWERÁ.



# proposta

## refletir sobre estereótipos e povos originários

**Trabalho em grupo:** Orientadas pela compreensão de que a pesquisa pode ser acionada como estratégia metodológica impulsionadora de práticas bastante inovadoras, pensamos em duas atividades mobilizadoras que partem da *investigação científica*.

1. Divida a turma em dois grupos, e em cada metade peça que formem 5 grupos.
2. Os grupos do Lado A consultarão os seguintes materiais: trecho da Carta de Pedro Vaz de Caminha; a pintura "Iracema", de José Maria de Medeiros (1844) e a música "Baila Comigo", da Rita Lee. A partir da análise, cada grupo deverá identificar quais estereótipos estão presentes. Lembre de chamar a atenção sobre as diferentes naturezas e temporalidades dos materiais.
3. Enquanto isso, cada grupo do Lado B representará uma região do Brasil (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste). A partir de pesquisa no google, o objetivo é escolher uma etnia de cada região e preparar uma apresentação para expor para a turma detalhes sobre o povo escolhido. Para a pesquisa, indicamos o site: <https://pib.socioambiental.org/pt/>.

**Modelo de entrega:** Os grupos do Lado A, em data escolhida coletivamente, apresentarão estereótipos indetificados nas obras sugeridas. Em seguida, os grupos do Lado B, irão contrapor os estereótipos elecandos a partir da exposição de detalhes da etnia escolhida. Incentivamos a exposição dos dados de forma criativa, por meio de poesias ou contos, confecção de cartolinas e/ou lambes.

# na prática...

"O Lado A da historiografia contribui para a cristalização de povos originários e para a produção de estereótipos, tema discutido no segundo encontro temático do Cine Clube Lado B via google meet para estudantes do CED2 do Cruzeiro, região administrativa do Distrito Federal. No encontro utilizamos três recursos: o Menti que é uma plataforma online para a criação e compartilhamento de slides com interatividade, o Youtube e o Canva. Buscamos dialogar com conteúdos iniciais vistos em sociologia e história para o primeiro ano do ensino médio, como a colonização e o impacto da invasão do território americano para os povos originários. No menti, dividimos uma tela com a pergunta "Quais são os estereótipos associados aos povos indígenas?" e uma obra visual da artista indígena Daiara Tukano. Questionamos todas e todos os estudantes sobre quais eram as palavras que tradicionalmente associavam aos indígenas e pedimos que escrevessem na plataforma, que funciona como uma chuva de palavras. Logo o primeiro estranhamento se deu pelo termo *indígena* ao invés de índio, que segundo Daniel Munduruku, possui significância ficcional e popularizou-se por conta do sistema educacional brasileiro. Quem nunca no dia 19 de abril recebeu um cocar com apenas uma pena, teve seu rosto pintado similar a todos seus/suas colegas de turma?

No Brasil há mais de 800 mil indígenas de mais de 246 etnias, com centenas de variedades linguísticas. Esses povos ocupam cerca de 13% de todo território nacional, estando sua grande maioria presentes na Amazônia Legal. A enorme quantidade de riquezas naturais, colocam a Amazônia, e diversos outros espaços já homologados como reservas, em constante disputa entre os povos originários e setores extrativistas que desejam explorar esses territórios. De tudo aquilo que sobrou da floresta, com a intensificação do desmatamento nos últimos anos, as demarcações indígenas representam cerca de 25% da área preservada. Assim, as terras indígenas servem como barreiras contra o desmatamento. Nesse cenário, entender a participação de setores privados e do Estado no processo de devastação da floresta, é entender a enorme importância da resistência indígena como também resistência ambiental.

**saiba mais**

A ideia do "indíio" também está presente nas palavras e descrições trazidas pelos estudantes como "selvagem", "andam pelados", "preguiçosos", "vivem na floresta" e ainda "não possuem contato com tecnologia". Com a nuvem de palavras, questionamos qual o significado da palavra estereótipo e ainda, questionamos também se alguém presente saberia a origem de todos os pre-conceitos popularmente compartilhados sobre os povos originários. Pois bem, a origem dos estereótipos seria o segundo momento do nosso encontro. A partir de uma exposição de slides organizado na plataforma Canva, na primeira parte ilustramos a inversão que o próprio Lado B propõe em suas atividades com o quadro "Missionário comido pela onça" de Noé León para colocarmos uma pulguinha na orelha sobre o papel dos missionários e o impacto das missões cataquizadoras.

"A palavra "indio " é uma ficção que foi introjetada na mente dos brasileiros pelo sistema oficial de ensino. É uma palavra que não diz quem somos, mas o que as pessoas acham que somos. Ela nega o que somos porque assim aprendemos. Para que novos significados façam parte de nosso repertório, é necessário criarmos consciência do que os povos indígenas são, de verdade."

Documentário "Falas da Terra",  
produzido pela Rede Globo.

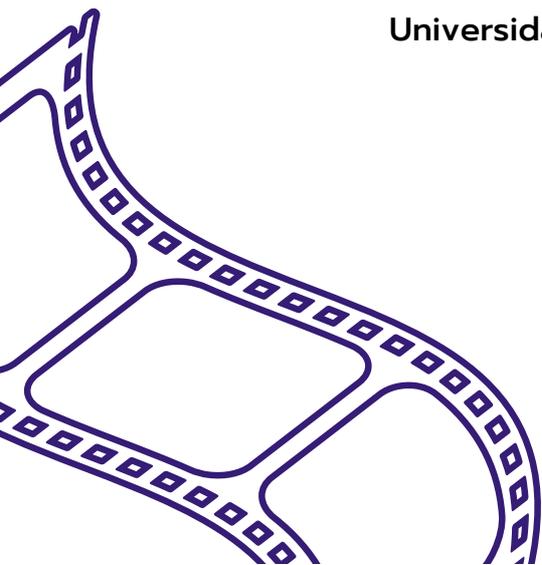
Autoria não identificada



Com aquela imagem do "índio" do dia 19, apresentamos uma série de documentos como a Carta de Pedro Vaz de Caminha, músicas populares brasileiras e obras visuais como Iracema de José Maria de Medeiros que exemplificam como historicamente os povos indígenas foram congelados como bons selvagens, desprovidos de moralidade, de cultura e hábitos. Mas calma lá, existe mesmo um "índio" assim? A noção eurocêntrica sobre os povos originários ignora a pluralidade dos mais de 256 povos falantes de mais de 150 línguas, segundo dados do IBGE (2010). Para exemplificar, utilizamos um vídeo produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA) com os Baniwa, residentes no Alto Rio Negro, que de certa forma ironiza todos os estereótipos que o senso comum compreende como "índio".

Por último, também trouxemos uma série de digitais *influencers* indígenas que por meio de vídeos curtos discorrem sobre estereótipos e quebram com a ideia que indígena não tem acesso a tecnologia ou que por ter acesso, é menos indígena. E sobre a pintura no rosto que fizeram em você na época da escola, não tá com nada, o grafismo indígena também é plural."

Relato de Laísa Fernanda,  
pibidiana bolsista e graduanda  
em Ciências Sociais pela  
Universidade de Brasília.





Portfólio CURA

Daiara Tukano pintou, em setembro de 2020, o mural "Selva Mãe do Rio Menino" de 1006 m<sup>2</sup>, na fachada do edifício Levy, considerado o maior mural do mundo feito por uma artista indígena, que retrata a mãe selva carregando o menino rio no colo.

# o cine clube

Com o Cine Clube Lado B, buscaremos juntos debater questões ainda abertas sobre o direito à memória por meio de recursos audiovisuais, para entender como a percepção histórica e sociológica sobre as obras propostas nos ajudam a interpretar a realidade social. Por isso, nosso principal exercício é a quebra de estereótipos que estão fortemente presentes no nosso cotidiano, a partir da desconstrução de narrativas hegemônicas. E assim, introduzir aos estudantes um novo olhar sobre a História: o seu Lado B!

Isis Medeiros / Mídia Ninja



# roteiro

## Uma história de amor e fúria (2013)

“Uma História de Amor e Fúria” é uma animação produzida pelo roteirista e diretor brasileiro Luiz Bolognesi. O longa tem como foco contar a história de um guerreiro indígena, de origem tupinambá, que se torna imortal por conta de sua tarefa de defender seu povo dos males do futuro. Dialogando com a ideia do bem e do mal, o guerreiro imortal deve defender os seus das provocações do Deus mau e de seus seguidores, os dominadores.



Essa tarefa, entretanto, tem como consequência que o protagonista abra mão do amor de sua vida, chamada Janaína. Para reencontrá-la, o guerreiro passa por períodos históricos da História do Brasil, desde os conflitos indígenas antes da invasão portuguesa e posterior colonização, a revolta Balaiada no período regencial, no Maranhão, a ditadura militar e, representando a atualidade, um tempo fictício no ano de 2096, momento no qual o maior problema é a falta de água.

Dialogando a obra com o tema do “direito à memória”, durante o filme fica evidente que, independente do tempo em que o personagem se encontra, ele carrega consigo lembranças de suas vidas passadas. Essas memórias são relevantes para sua construção enquanto guerreiro, e por isso o próprio personagem pontua que “viver sem conhecer o

## Uma história de amor e fúria (2013)

passado é andar no escuro". Nesse sentido, as reflexões sobre o direito à memória e outros fenômenos sociais não se restringem ao protagonista e às suas lembranças, mas se ampliam ao seu embate com os dominadores. Exemplo disso é o diálogo que o personagem tem com seu par romântico, questionando-se o motivo de lutar ao lado apenas de quem perde as batalhas. Janaína, por sua vez, o retruca rebatendo que apesar de estar do lado que perde, está do lado certo.

Afinal, qual seria o lado errado e o lado certo da história? O filme evidencia a disputa entre aqueles que contam a história contra aqueles que são silenciados. O guerreiro imortal, quando vivencia a revolta da Balaiada (1838-1841), durante o Período Regencial, luta ao lado dos escravizados reivindicando melhores condições de vida e contra o abuso de poder das autoridades. Esse último ponto é abordado diversas vezes no filme e enfatiza a reflexão dessa característica durante aquele período.

Já no século 20, pelos anos 60, nosso herói viaja até o período de Regime Militar (1964-1985), no contexto em que foi colocada em vigor a lei do AI-5 e a perseguição das milícias por parte do governo. Essa lei decretava o fechamento dos trabalhos do Congresso Nacional, e dava autorização ao presidente de decretar estado de sítio, cassar mandatos, confiscar bens privados e assim por diante.

Em síntese, o longa abre margem para questionarmos qual é a narrativa dos acontecimentos históricos que prevalecem. No caso da Balaiada, se é a da população que, insatisfeita com as péssimas condições impostas durante o Pe-

# roteiro

## Uma história de amor e fúria (2013)

ríodo Regencial em uma crise política no Brasil Império, ou a daqueles que, à mando da elite da época, foram responsáveis pela morte de inúmeros cidadãos em nome da ordem social, sendo, nesse caso, o Exército. A figura do coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, responde tal indagação, visto que até os dias de hoje temos ruas e até mesmo uma cidade que leva seu nome, representando a ideia de um grande herói nacional. Dessa maneira, busca-se refletir sobre o lado da história silenciado.

## questões mobilizadoras

- Quem é o guerreiro imortal e por quais motivos ele luta?
- Quem são os dominadores? Por que eles são caracterizados com esse nome?
- Os momentos históricos vividos pelo guerreiro imortal ressaltam a disputa por narrativas em conflitos e a maneira como os denominados “dominadores” sempre possuem suas versões prevalecidas. Dessa forma, de que modo a memória daqueles subalternizados é negada? Tendo o exemplo da Balaiada e da Ditadura Militar.
- Durante o filme é dito que nos livros de história a revolta da Balaiada não retrata o contexto do período regencial e Duque de Caxias como um dominador. Por que isso acontece?

# roteiro

## Branco sai, preto fica (2015)

“Branco sai, preto fica” foram os dizeres de um dos policiais da tropa de choque ao invadirem o baile black do Quarentão, na Ceilândia. Marquim foi atingido pela arma da polícia que o deixou paraplégico aquela noite. Sartana, outra vítima, tentou correr do local, sendo ferido por um dos cavalos da polícia, resultando em uma amputação de sua perna, que foi substituída por uma prótese. Dimas Cravalanças, agente do Estado em 2073, retorna ao

passado para encontrá-los e provar os crimes do governo cometidos contra as populações negras e de periferia.

Misturando ficção com realidade para denunciar a violência estatal perpetrada polícia, o filme de Adirley Queirós retrata um acontecido se estabelece na década de 1970, período em que a Campanha de Erradicações – CEI surgiu com o objetivo de remover assentamentos e ocupações ilegais dos arredores do Plano Piloto, realocando-os para uma região a aproximadamente 30km da capital, dando origem a Ceilândia. Sem nenhuma infraestrutura urbana, os moradores construíram o local por conta própria, advindo a famosa caixa d’água localizada no centro da Ceilândia que, para além da conquista do saneamento básico, é um símbolo histórico da



## Branco sai, preto fica (2015)

luta dos ceilandenses. Entretanto, entende-se que a Ceilândia, assim como outras regiões administrativas, não é priorizada quando se refere a forma que a história do Distrito Federal é contada, de modo com que a própria população desconhece sua origem e patrimônio, ressaltando-se o perigo de uma história única.

Concomitantemente com a violência socioespacial, o acontecido no Quarentão exemplifica o racismo institucional, que atua como um bloqueio para que a identidade social e cultural do negro. Neusa Santos Souza (1983) afirma que mesmo após a superação da sociedade escravocrata, a raça continua exercendo funções simbólicas no Brasil, possibilitando a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe.

Dessa forma, a estrutura estatal racista discrimina corpos negros para deslegitimar o seu lugar existencial, punindo o negro que tenta sair do lugar de opressão destinado para si pelas intervenções racistas. O baile black do Quarentão representava uma festividade negra em que eram celebrados o cabelo crespo, os passinhos, as roupas, desenvolvendo o vínculo comunitário da juventude com o espaço que ocupam.

A ação da polícia militar age, primeiramente, de modo simbólico, ao deduzirem a partir dessas características que se poderia invadir o local com truculência, visto a culpabilidade das vítimas por sua cor e classe social. Em segunda ordem, demonstra-se como um ato de silenciamento e desmobilização, de modo a inibir a organização de jovens negros da periferia em prol de sua diversão, deixando-os incapacitados física e mentalmente.

# questões mobilizadoras

## Branco sai, preto fica (2015)

- A ação da polícia militar neste caso aconteceu em 1970, e segundo uma pesquisa de 2021, pessoas negras representam 78,9% das vítimas de intervenções policiais no Brasil. Na sua percepção, por qual motivo essa história continua se repetindo?
- Dimas Cravalaças volta no tempo para encontrar Marquim e Sartana, em busca de provar os crimes cometidos pelo governo contra as populações negras e de periferia. Se você pudesse voltar no tempo para provar um crime contra as populações marginalizadas que saiu impune, qual seria?
- O racismo se demonstra em diversas nuances e espectros diferentes. Descreva de que forma o racismo institucional atua.
- No filme, um morador da Ceilândia precisa adquirir um passaporte de acesso para adentrar Brasília. Essa é uma das formas de violência socioespacial demonstradas na ficção, você consegue pensar em outras que acontecem na realidade?
- Ao policial dizer “branco sai, preto fica” na ação, o que ele está presumindo?

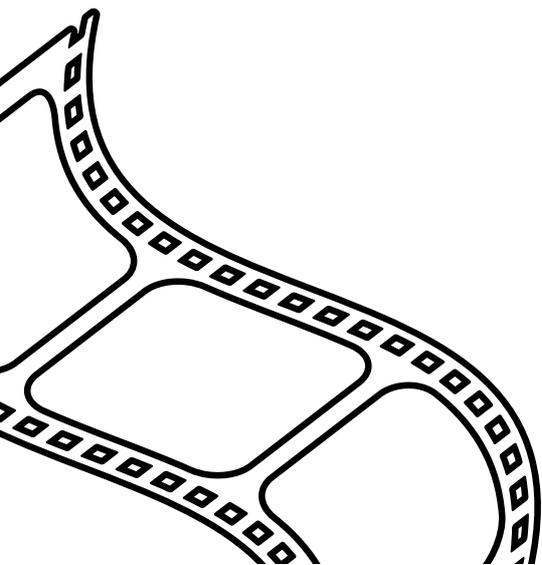


"Eu venho de uma família que é muito enraizada na cultura negra da Ceilândia, mas sempre teve dificuldade de perceber isso. Por exemplo, os meus pais eles frequentavam o "Quarentão", gostavam de música black, sabem dançar passinho, mas eu acho que meus pais só foram compreender mesmo que eles são negros e o que é ser negro no Brasil depois que eu entrei na universidade. Foi quando a gente começou a fazer essa discussão em casa. E isso teve um impacto muito forte na minha identidade, por exemplo, desde pequeno meus pais sempre pegaram muito no meu pé para eu não usar roupa de banda, roupa de bandido. Mas o que eu mais queria era usar roupa de bandido né, que é o que eles chamam de mala, de peba. E eles demoraram muito para entender que essa visão que a gente tem de atrelar periculosidade à uma roupa também é uma forma de discriminação e preconceito racial e de classe também. Então, por exemplo, eu passei a minha juventude "tendo" que usar as vestimentas do hip hop escondidas dos meus pais porque eles não aceitavam muito.



Eu passei o início da minha identidade enquanto ceilandense escondendo ela, porque os meus pais não gostavam. E eu entendo meus pais do ponto de vista da repressão policial. Eles tinham muito de que eu saísse de casa na rua e levasse "dura" da polícia, apanhasse. E isso aconteceu algumas vezes depois que eu passei a "tacar o foda-se" para isso de ligar para a questão da vestimenta. E aí a gente vai percebendo que essa preocupação dos pais é uma preocupação real. Na quebrada existe um tipo de roupa, de vestimenta, que a polícia mira, que as instituições de segurança pública miram. E isso eu acho que foi algo que foi formando minha identidade, porque eu escutava rap escondido. Meus pais não gostavam, principalmente meu pai não gostava. E aí eu fui pro Plano, fui estudar no Plano. O engraçado de estudar no Plano é que em um primeiro momento eu jurava que era um espaço de liberdade meu. Porque ali no Plano eu podia vestir as parada, eu podia falar da forma como eu queria e não dava B.O porque eu estava longe."

O relato de Leonardo Matheus, estudante de história pela UnB e ex-aluno do Centro de Ensino Médio Elefante Branco, possibilita refletir sobre direito à cidade, periferia, pertencimento e identidade. O trecho foi retirado do episódio "Histórias de Geração", parte 1, do podcast Pibidiário.



## A última floresta (2021)

"O meu povo não aceita mineração aqui", afirma Davi Kopenewa Yanomami, xamã e líder yanomami. "A Última Floresta" é um documentário brasileiro de 2021, dirigido por Luiz Bolognesi, com roteiro de Bolognesi e de Davi Kopenewa, que retrata o cotidiano de indígenas que vivem sob ataque na maior terra indígena do país, com uma área equivalente à de Portugal, situada entre o norte do Brasil, nos estados de Roraima e Amazonas, e o sul da Venezuela. Existem mais de 350 comunidades indígenas na Terra Indígena Yanomami, com uma população de aproximadamente 29 mil pessoas.

O documentário busca retratar a força dos xamãs, a importância da oralidade a partir da escuta dos mais velhos, além do relato de décadas de luta em defesa do território. E também atravessa o místico, a narrativa explora o mito de origem dos Yanomami que, segundo Davi, é um povo criado por Omama e Thuëyoma, um peixe em forma de mulher.

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), o garimpo é responsável, a cada sete anos, pelo dejetivo de rejeitos no Rio Tapajós equivalente ao desastre em Mariana, de responsabilidade da Samarco Mineração S/A ocorrido em 2015.



## A última floresta (2021)

Os rejeitos contêm o mercúrio usado para fazer a separação do ouro, substância que pode causar alterações no sistema nervoso, perda de visão, problemas cardíacos e até mesmo deformações em fetos. Após mais de 25 anos sem a presença de garimpo ilegal no território, graças a pressão da imprensa brasileira e apoio internacional, mais de 20 mil garimpeiros voltaram a invadir o território Yanomami desde 2019, derrubando a floresta, envenenando os rios com mercúrio além de contribuir com a chegada da Covid-19 nas aldeias.

O garimpo, além de doenças contagiosas, provoca a desestrutuação social e cultural de famílias indígenas, além de aumentar a violência, o consumo de drogas e álcool, a prostituição e abusos sexuais. Em 2020, o garimpo no território yanomami explodiu! Quinhentos hectares de floresta Amazônica foram destruídos por atividades extrativistas ilegais. E em 2021, segundo dados do relatório produzido pela Hutukara Associação Yanomami, o garimpo avançou 45% em relação ao ano anterior.

Pedro J Márquez



# roteiro

## A última floresta (2021)

Embora a constituinte de 1988, estabeleça que é papel do Estado a proteção e reconhecimento da cultura, da produção e reprodução dos modos de vida das populações originárias, defender indígenas não dialoga com a agenda bolsonarista que afirma ter “muita terra para pouco índio” além de corroborar com a noção de que terras indígenas comprometem áreas disponíveis para produção agropecuária. Um dos projetos em curso que exemplifica o desmonte e o ataque aos povos tradicionais é o PL 191, enviado ao Congresso em 2020 pelo presidente Jair Bolsonaro, que busca legalizar a invasão de territórios indígenas pelo garimpo ilegal, entre outras atividades.

### questões mobilizadoras

- Quais aparatos estatais podem ser acionados para combater atividades ilegais em territórios indígenas?
- Quais os efeitos a longo prazo do desmonte de instituições que deveriam garantir a proteção dos povos originários?
- Como a ocorrência de epidemias geradas pelo contato com o homem branco pode afetar a produção e reprodução de formas de vida yanomami?
- Quais violações aos direitos humanos, a constituinte de 1988 e ao ECA, o garimpo ilegal impõe ao território?
- De que forma a criação de associações de mulheres poderia contribuir com autonomia financeira da população yanomami?

# na prática...

"A construção do nosso Itinerário Formativo, a partir do eixo Processos Criativos, foi difusa - digamos assim. Passamos algum tempo transitando por várias ideias sem aterrar em algo concreto até finalmente chegarmos à ideia do CineClube LadoB.

A ideia para nossa Oficina era promover Cine Debates, mobilizando conceitos trabalhados previamente e, por fim, auxiliar que as turmas elaborassem seu próprio

CineClube - escolhendo o tema, montando o roteiro para o debate, preparando material de divulgação. Infelizmente, intercorrências devido à condução do ensino na pandemia interromperam nossos planos e prejudicaram o andamento dos nossos planos.

O sentimento de interrupção foi especialmente amargo porque na semana anterior havíamos realizado o nosso primeiro Cine Debate, com o curta metragem disponível no youtube e dirigido por Bruno Torres "A Noite por Testemunha". Trata-se da encenação da noite em que Galdino Pataxó fora assassinado, na perspectiva dos criminosos: uma noite de bebedeira e inconsequência que terminou na tragédia. Tragédia essa que diz muito sobre o lugar dos invisíveis - povos indígenas e pessoas em situação de rua - na nossa sociedade.



# na prática...

A sessão no google meet lotou e percebemos atenção das estudantes a partir de seus comentários, indignadas, no chat. Após a exibição, estimulamos a expressão das impressões e comentários gerais, com alguns tópicos guia em mente para conduzir a conversa aos aspectos centrais que acertamos anteriormente em equipe.

Conduzimos o debate de forma a refletirmos sobre a presença do povo indígena no DF e nos demais estados e cidades do país. Mostramos as esculturas que foram feitas pelo artista goiano Siron Franco em homenagem ao indígena pataxó assassinado e instaladas no local do crime. A Praça do Compromisso, localizada na 703/704 sul, foi o destino final da 2ª Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília, no dia 10 de setembro de 2021. Lá, mulheres do povo pataxó realizaram um emocionante ritual para seu parente, de forma a demonstrar que ele vive em memória de seu povo. Um vídeo do momento do ritual frente à escultura também foi utilizado como elemento de mobilização do debate. Consideramos que o sucesso desse Cine Debate demonstra que estávamos no caminho certo, esperamos que ele continue sendo trilhado, a partir do uso desta cartilha, em várias escolas desse país por professoras e professores que considerem o Direito à Memória um espaço e ferramenta de luta para a construção de uma sociedade justa."

## Referências bibliográficas

Amazônia: garimpo leva abuso sexual e medo a terra yanomami, diz relatório. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/04/mineracao-leva-abuso-sexual-e-medo-a-terra-yanomami-diz-relatorio.shtml> Acesso em 02 de abril de 2022.

A questão indígena em 4 minutos. Produzido pela Agência Pública. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_tKDCBimTQ](https://www.youtube.com/watch?v=y_tKDCBimTQ)

BOLOGNESI, Luiz; PUNTONI, Pedro. Meus heróis não viraram estátua. São Paulo: Ática, 2012.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUENO, Samira. MARQUES, David. PACHECO, Denis. As mortes decorrentes de intervenção policial no Brasil em 2020. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>.

Garimpo leva abuso sexual e medo à terra yanomami, diz relatório. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/04/mineracao-leva-abuso-sexual-e-medo-a-terra-yanomami-diz-relatorio.shtml>. Acesso em 02 de abril de 2022.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. G. Einaudi, 1978.

O PERIGO de uma História Única. Produção de TED TALK, Chimamanda Adichie. 2009. 12 min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso em 17 de set. de 2021.

Podcast da rede HuMANAS - Episódio 11: Monumentos, colonialismo e releituras históricas. HuMANAS Pesquisadoras em Rede. 1h03min, son.,color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=is-KvOMpt0A&t=36s>>. Acesso em 17 de set. de 2021

## Referências bibliográficas

Projeto de lei quer liberar o garimpo em terras indígenas. Produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xS6lvWvH-KA>

Projetos de lei propõem a retirada de símbolos escravistas pelo país. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/projetos-de-lei-propoem-a-retirada-de-simbolos-escravagistas-pelo-pais.shtml>. Acesso em: 01 de abril de 2022.

RESENDE, M. L. S. Ceilândia em movimento. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília.

SEEDF. Currículo em Movimento do Distrito Federal: Caderno Ensino Médio. 3ª ed. Brasília: SEEDF, GDF, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2ª edição. Edições Graal: 1983.

Matheus Alves / Twitter

